

4831PP-230

O Ultimo Anno d'um Seculo



349 A

(12 capitulos de verrina)

Texto de ARNALDO FONSECA
Desenhos de CELSO HERMINIO

JANEIRO

FASCICULO I

5o RÉIS



OMECA O
Um
mido e
do céu.
E sob es
go reidr
opiante ru
monatom
repuxand
vel-lodo do
E sob esse
dentro de n
tar que sus
mollesa ab

forma que... se algum de vocês...
mãe e sabe a rua, em

Ouvi: da sua salvação, estou
Antes que a audacia me falhe diluída na acida cobardia
do meio e o sarro espesso da vida me encubra a pureza
do pensamento, eu vou falar.
Ouvi... se quereis.

LISBOA
IMPRESA DE LIBANIO DA SILVA
R do Norte, 91

Reg-215 Ref. n.º 6545

O Primeiro Anno
do 2.º Anno

1888

2.º Anno do 2.º Anno

Textos de ARNALDO FONSECA
Desenhos de CELSO HERMINIO



JANUÁRIO

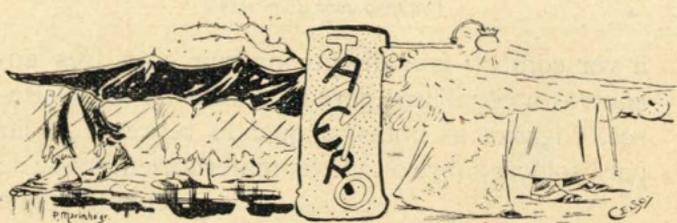
FASCÍCULO I

50 RÉIS



Antes de apanhar este livro, leia o primeiro fascículo
do 1.º e 2.º volumes, de cuja leitura se tira a chave
do pensamento do autor.

LIVRARIA A. CUNHA E SAES
Livraria de L. CUNHA E SAES
Livraria de L. CUNHA E SAES



I

OMEÇA O ANNO.

Um sol de Janeiro macilento e humido córa d'um azul leitoso a redoma do céu.

E sob esse piedoso sol de chagádos, ao redor de nós—os miseros—o opiante ruido dos sons habituaes, a monotonia guinchosa da nora da vida repuxando com lentidão o inextgotavel lodo do seu poço sem fundo.

E sob esse sopitante sol de vadios, dentro de nós—os inuteis—o mal estar que succede a um mau dormir, uma mollesa algida de musculos, e de tal forma que... se algum de vocês tem á morte a mãe e sahe á rua, em cata da sua salvação, estou



a ver como o faz: discute na rua com tres encontros a côr d'uma parede, pára a ler tres cartazes, engraxa as botas, e quando regressa ao lar para soluçar sobre o cadaver materno, lembra-se de repente...



que se esquecera de comprar os phosphorosinhos... e de passar de caminho pelo medico!

Começa o anno.

Deve hoje por conseguinte a minha terra festejar o seu luxo de

capital que hiberna, exhibindo sob tão bella luz, o melhor das suas melhores botas cambadas!

Vou ver... vou ver...

Antes porem estendo um jornal para que me guie... e leio:

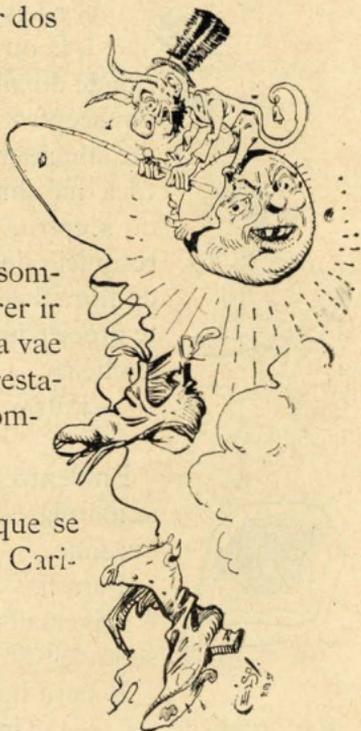
Caridade. — As festas da miseria. — Agonisa a Patria.

«Caridade!» — «As festas da miseria!»

É banal! Faz frio na choça, calor no palacio, é

pois o tempo da Caridade s'enternecer e aspergir sobre a Fome alguns pingos do seu gordo chorume, fundido ao crepitante calor dos seus fogões.

A Caridade é uma senhora gorda e ramelosa, rica, estrabica, que usa lunetas, faz versos, convida p'ra jantar o Alberto Braga, padece d'insomnias e quer quando morrer ir para o Ceu. Na expectativa vae pagando a reforma a prestações... e dá esmolos comprando camarotes.



Mas fiquei já sabendo que se pede e suppondo que a Caridade dá.

Continuo a leitura.

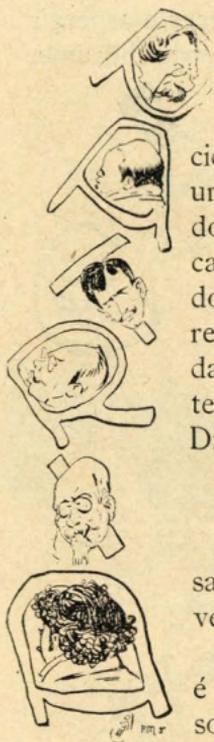
«*Agonisa a patria.*»

— Eh! eh! (esfrego as mãos) com que então diz-se, politicamente, que uma patria morre!

E quem o diz? quem o diz?

Os patriotas! Os patriotas? Vejamos...

Dizem com effeito os patriotas que uma patria agonisa, como um videiro diria que uma açafata em decadencia liquída — dizem-n'ó com escarneo, com indiferença, sem pejo e sem unção — di-



zem-n'ò nas tabernas, tripudiam-n'ò nos jornaes, cantam-n'ò nos bordeis!

E ou haja no *patriota* a fogocidade do vilão a quem a Politica deu um sceptro de canna ou o sobresalto do amanuense a quem o vilão espicaça na chata nadega com a canna do sceptro, não lhe afluê á face um resquicio de rubor, e apenas lhe sahe da fisga dos labios devassos a seguinte prece como um arrote: Dinheiro... Dinheiro...

— Patria... Dinheiro!

Eno entretanto, na orientação d'essa matula, essa eructação espelle uma verdade!

Para haver Patria, como ella hoje é universalmente entendida, é preciso haver dinheiro...

E para haver dinheiro em Patrias que agonisam, é mister invocar expedientes.

E o que fazem então os patriotas?

O conselheiro Navarro... apresenta expedientes.

O conselheiro João Franco... esconde expedientes.

O conselheiro Hintze... combate expedientes.

O conselheiro Zé Dias... não comprehende expedientes.



O conselheiro Gomes da Silva... prepara expedientes.

Ó energumenos ouvi!

Se á palavra Patria andasse ligado ainda o sentimentalismo piegas d'uma idéa santa, ignobil villania era o entrega-la nas vossas conspurcadas mãos, dedilhando os seus interesses em nome d'essa *Patria*... e amortalhando a *Patria* em nome d'infimos interesses... que denominaes os «altissimos interesses das Constituições, a Tradição e a Historia».

Patria! Tradição! Historia!

A vossa voz ao clama-lo teria para um crente d'outras eras o ressoar arripante d'uma moeda na pe dra d'ara d'um altar...

Hoje a vossa voz ao clama-lo arranha como se surdisse quasi aphonya d'uma gorja capitonada de placas.

A Patria — ó energumenos! — vae ser, a breve trecho, uma familia, uma tribu e nada mais!

Para sacrario evolou-se-lhe o ultimo clarão d'insenso, para covil vae-se-lhe fendendo o corneo paredão da ignorancia.

Começa a crença a dissolver-se n'uma barrela de saber, começa a duvida a desmascarar a vossa prosapia de mandarins-ganhões!

A Evolução ha-de pois fazer da patria uma fami-



lia, para quem á Tradição foi um ensinamento de creança, e a Historia uma infancia com maus mestres.

E historia e tradição com Camões e Zé Dias, são apenas diferenciações eventuaes no trajecto d'um grande destino... diferenciações eventuaes... traduzindo uma um talento, traduzindo a outra uma excreção.

A Patria... não é a passividade adiposa e vadia d'um batalhão da municipal!

A Patria... não é a representação catitinha do conselheiro Arroyo e do deputado Moncada, ambos de tunica inconsutil, deixando um tilintar o cry-



tallino das suas aguas... em vespera de parto, e o outro as moncosidades do seu espirito... em vespera de espirro.

A Patria... não é um rei nem é um bando, nem é um partido, nem é um dogma, não é um um balcão nem é um parlamen-

to, não é uma corja nem é um alcouce.

A Patria — arredae — é a minha terra, é a minha casa... o ar d'onde eu tiro o oxygenio, a terra d'onde eu arranco o azote, a familia com quem eu compartilho o pensar, gente que falla a minha lingua, amigos que labutam n'uma vibração identica de musculos e unisona de cerebro.

E a essa patria que ha-de ser uma tribu, para depois ser a Terra inteira, a essa patria quero-a limpa e sã como um organismo forte.

Á terra quero-a livre... como livre é o ar. Á gente que me rodeia quero-a sem ambições que me esphacelem.

E assim sei que prego o Egoismo!

Mas o Egoismo de todos... e nunca o Egoismo d'um só!



E todavia, eu vejo bem! se na transicção fatal das coisas, — assim como eu de noite me aferrolho entre quatro paredes, porque podeis vir subtilmente roubar-me o ultimo náco de pão — vós tambem precisaes de vos fechardes entre quatro fronteiras para que outros mandões não vos empolguem o mando... então fortificaes, tramaes, mas tende ao menos valor no entretecer dos *expedientes*.

E — ó embusteiros! — nada de supprir o desvigoramento com o desvergonhamento!

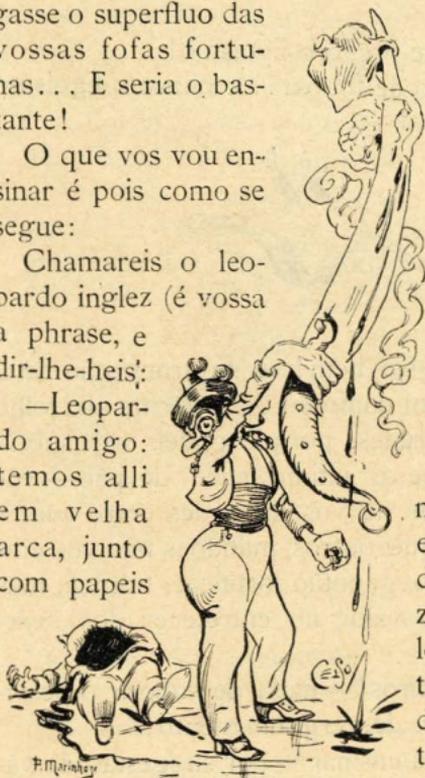
O que vos vou ensinar — por suggestão de varios conselheiros — evitar-vos-ha exigir do pobre sem enxerga, do tysico sem recursos e da mãe sem brôa, *importantes sacrificios nacionaes*. Porque demais essa exigencia feita com desbragada

immoralidade por um poeta sem fome, e exultada por um herdeiro de Pallavicini — vilão de governo na mão! — essa exigencia poderia fazer dizer aos mais cordatos que sem sacrificios nacionaes se reporiam os cofres se o vosso patriotismo lá entregasse o superfluo das vossas fofas fortunas... E seria o bastante!

O que vos vou ensinar é pois como se segue:

Chamareis o leopardo inglez (é vossa a phrase, e dir-lhe-heis:

— Leopardo amigo: temos alli em velha arca, junto com papeis



velhos: Decadas de João de Barros, facturas do Carrilho, Luziadas de Camões e letras do Burnay, temos alli, certa joia chamada Moçambique; a coisa é informe e de aspecto hirsuto, está mes-

mo tinta de sangue e muito babujada de cachaça... Dizem que tem valor!... Fazemos-te doação publica d'ella, se em troca tu nos pagares as dividas e nos em-

prestares o respeito da tua artilheria. E assim se *salvará a patria* — atafulhando a cloaca bocal dos agiotas, e conservando a distancia a naifa d'algun chulo.

E ao visinho hespanhol ireis n'este comenos contando que se lhe sabemos ler as insolencias é graças á divulgação do seu dialecto pelas seguintes vias: gallegos e marafonas. Porque, escasseando-lhe a virilidade, para cá nos mandam as melhores femeas, quedando-se entretidos em frioleiras obscenas d'invertidos; porque, sobejando-lhe a fome, a emigração enche-nos as ruas de gallegos. D'onde a necessidade de nos fazermos entender de creaturas relativamente inferiores, comprehendendo-lhe primeiro o dialecto. É que já decifradas, por taes motivos, as suas ameaças de leão empalhado com phonographo no interior, lhe vamos devolver os mestres inconscientes — os homens para que os arrasem, as mulheres para que os syphilisem — e assim livramos do mesmo golpe os nossos trabalhadores d'uma concorrência e os nossos mancebos d'uma doença!

E feito o aranzel a uns e a outros, bramareis ao vosso patricio, . . . para que seja feita a selecção dos anorchidios:

— Calae . . . senão enforco-vos!

E como o inglez tem oiro, e o hespanhol por penuria, não consegue adquirir articulações metallicas para as patas do estafermo phonographico, o vosso patricio não fará a revolução, essa ado-



ravel sangria!... Não tereis que enforcar! Mas tudo que fizerdes será por felicidade, um passo evolutivo para a Dissolução. Espiritos educae-vos...



«A patria agonisa» — Como quem diz falta o dinheiro, e as tenças vão minguando.

Cuspo. Bocejo... Ponho o jornal de parte.



Saio.

Topo um credor e topo um pobre. O credor lembra-me com energia a sua divida, o pobre pede-me com humildade cinco réis.

Com que direito é o credor insolente e o pobre humilde?

Nego os cinco réis... a Caridade que lh'os dê.

Nego a divida... a Caridade que lh'a pague. E creio surprehender nos dois um identico murmurio a insultar-me!

E em plena Avenida estaco.

Esta Lisboa!

Esta Lisboa d'inverno, meus amigos, é sem variar o mesmo que Lisboa de verão.

Bem sei eu que o inverno quer dizer para o gosador de toda a parte a cidade com chuva, com gaz, com crepusculos curtos, os asphaltes espelhentos, mulheres de velludo, opera, bailes, politica, casamento, bocejos!

Tosse-se e... vive-se!

Tambem eu sei que para o gosador de toda a parte, o verão só se comprehende no campo com malmequeres, nas praias com sol, mulheres de branco, a roleta, bailes, politica, casamento, bocejos!

Tosse-se e... morre-se!

Ora esse inverno e esse verão alcança-o o gosador da minha terra, n'um caminhar d'alguns kilometros entre Lisboa e Cascaes. Nem tem que mudar de botas. Arregaça apenas por precaução as mesmissimas calças... de verão para que a areia humida não as toque, d'inverno para que as não córte a lama secca.



Vejam, vocês, em prova do que avanço, essa dama que passa empenada e triste. Curioso traje! Sob a sua capa rica... usa chitas. N'um dos pés calça uma bota de verniz, na outra um ligeiro sapato avermelhado. Esta Lisboa! Surprehendeu-a o inverno, á descuidada, cantando como uma ci-



garra, entrajada de verão, muito á vontade n'um percal barato e ligeiro... e tão ligeiro que facil seria a um golpe de vento ou a um sopro de desejo, levanta-lo.

Cantava... E quando a arvore em que pousava começou o seu desagasalho annual, surprehendida e tataranhando conseguiu aos apalpões e a credito aquella capa... perdeu um sapato... achou uma bota, e ei-la que passeia...

Terras de sol!

Olhae... olhae agora aquelle cavalheiro!... Seu Panamá molhado no toutiço, botas de duas solas, um pára-sol d'alpaca, e um leque japonéz. Depois de cada aguaceiro, usa abanar-se encalorado.

Eis est'outro, porém, todo envolvido no seu espesso capote, calça galochas, leva o chapéu forrado d'oleado. Este janota é uma tragedia! No começo de Março, herdou semelhante andaina d'um seu parente rico... e tal arranjo d'herança,

foi como a herança d'um estigma, nunca mais o largou! Lembranças de família...

Lembranças de família... sim!

Ha basbaques que nasceram basbaques, só porque o seu pae um dia embasbacou a olhar para a sua mãe!

E assim se friza, creio que sofrivelmente, a monotonia d'um oco viver feito com um enorme e justissimo despreso pelo fu-



turo, e uma enormissima escassez... do preciso, seja dinheiro, seja frio, ou seja Bom Senso.

O que junto á crença na immortalidade da alma e na immortalidade da Fazenda — quer se trate de cheviotes, quer de finanças — dá o riquissimo aspecto que venho de mostrar-vos.

É por isso, pois, meus amores, que o coupon d'inverno é pago como o foi o coupon d'outomno, sob o mesmissimo sol descuidado, e com a mesma moeda symbolica com que eu vou surrateiramente pagando as minhas dividas... com difficuldades!

Monotonamente... em apparencia, intimamente em sobresalto o anno portanto começa.

E diz-se que o anno começa, porque um prazo novo entra de correr para os impostos, para o credito e para as missas.

Ao topar esse marco milliarario no carreiro bravo do futuro, algum doutissimo pensador constatará para erudição dos seus contemporaneos que os



impostos diziam respeito á pitoresca engrenagem como meio mundo conseguia morrer feliz d'indigestão, ao mesmo tempo que a restante agonisava pranteiramente de fome.

Verificará que esse credito dizia respeito á posse do ar, d'onde temporariamente se consentia a respiração enquanto se não monopolisava e fazia pagar a prompto, como já succedia ao azote da terra em grãos.

E mais desvendará o sagaz sabio que, afeita a tal partilha de meio, a humanidade compensava com uma grandiosa crença o Disparate e o Desconsolo: os fartos se lhe chegava a pezar a injustiça, depois de muito fartos pediam perdão

a Deus de tal fartura... e constá que Deus perdoava! Os faltos, se os chegava a molestar o terem fome, pediam a Deus que os consolasse de tal penuria... e não sei se Deus os consolava!

E Deus perdoava, e Deus consolava sempre que á sua vaga presença uma vaga prece subia entre aromas de myrrha e o desejo fumacento da Fé!...

Concluirá emfim o Pensador que da desigualdade dos impostos surdiam revoluções... da iniquidade da posse surdiam revoluções... da diversidade da prece surdiam revoluções.

E a ter pecha de synthetisar, o critico definirá assim a palavra Revolução:

«Pruridos banaes e chronicos d'indignação. Trámites, correntemente de pouca dura, em que se «perturbavam as coisas correntes e o Acceite era «apedrejado, espingardeado, polluido, mas logo... «mettido n'um museu e admirado. Por vezes mesmo, passado tempo, ia-se lá buscar entre hymnos «para de novo s'enlamear e insultar...»

Isto pensará um Philosopho futuro cheio de sabedoria... e dó, ao decifrar num Gotha ou num Borda d'Agua a assombrosa data em que vogamos.

Data que começa com os olhos no umbigo e estendendo miseravelmente a mão aberta á Caridade, em vez de a estender fechada á Iniquidade!

E vejam p'ra contraste, vocês, isto:

Hontem, hontem mesmo, eu que herdei os generosos ideaes da Esmola e que me lembro d'isso sempre que como bem, eu, depois de lauta ceia,

na frígidez da noite, cruzei um cão esfaimado e friorento.

E eructando, tanto me amerceei da sua desgraça que lhe offereci um vintem p'ra comprar bolos... E o vadio recusou-o!!

Começa o anno!



Quanto ao livro...

na impiedade da morte, cruzes, um dos cadáveres, e
do cento.

Estendendo, tanto me amarece, a sua des-
graça que he offereci um sistema para comprar
bolas. E o caso recusou.

Comeca o livro!

De ARNALDO FONSECA

Ralé — (sarcasmo dialogado), 1 volume de 274 pagi-
nas, 600 réis.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

De CELSO HERMINIO

(Em preparação)

A Rua

